



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AUDITORIA E  
PERÍCIA CONTÁBIL

**APLICAÇÃO DA CONTABILIDADE GERENCIAL NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**

**DAYANE CARVALHO SANTOS<sup>1</sup>**

**JOANA D'ARC MEDEIROS MARTINS<sup>2</sup>**

**RESUMO**

A Contabilidade é uma grande ferramenta administrativa que pode ser aplicada nas mais variadas situações que requeiram controle e acompanhamento financeiro. Este artigo tem por objetivo apresentar ferramentas da contabilidade gerencial para controle e uso nas micro e pequenas empresas. A metodologia utilizada foi bibliográfica, documental e descritiva. É notória a facilidade de controle gerencial se utilizada essas ferramentas da contabilidade em benefício de uma maior organização no âmbito gerencial, visto que a contabilidade possui relatórios capazes de fornecer uma visão ampla do rumo financeiro dos recursos e orientar em tomadas de decisões. O uso da contabilidade só tem a desenvolver o seguimento, pois a mesma traz inúmeros benefícios e os empreendedores ficam mais despreocupados com tantas informações que os cercam. O intuito deste artigo é mostrar a praticidade e eficiência no uso da contabilidade dentro de uma micro empresa, propondo uma melhoria organizacional e incentivando o desenvolvimento sustentável do negócio, a fim de torná-lo de mais fácil manuseio e controle a partir das ferramentas propostas na contabilidade gerencial. Diante destas informações o micro empresário passará a ter uma visão diferenciada a respeito do que a contabilidade representa dentro da empresa e para sobrevivência da mesma.

---

<sup>1</sup> SANTOS, Dayane Carvalho. Acadêmico do curso de pós-graduação em Auditoria e Perícia Contábil do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, e-mail: nani\_carvalho5@hotmail.com.

<sup>2</sup> MARTINS, Joana D'arc Medeiros. Docente e Professora orientadora do Curso de Pós Graduação em Auditoria e Perícia Contábil do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, e-mail: joanadarc@unirn.edu.br

**Palavras-chave:** Contabilidade. Controle gerencial. Tomadas de decisões. Desenvolvimento sustentável.

## ABSTRACT

Accounting is a great management tool that can be applied in different situations that require control and financial monitoring. This article aims to present tools of management accounting and control for use in micro and small businesses. The methodology used was bibliographical, documentary and descriptive. These findings emphasize the ease of management control if used these accounting tools for the benefit of a larger organization at the management level, as the accounting reports has able to provide a wide view towards the financial resources and guide in decision making. The use of accounting just have to develop the follow-up, because it brings numerous benefits and entrepreneurs are more carefree with so much information around them. The purpose of this article is to show the practicality and efficiency in the use of accounting within a micro company, proposing an organizational improvement and encouraging the sustainable development of the business in order to make it easier to handle and control from the tools proposed in management accounting. On this information the micro entrepreneur will have a different view as to what accounting is within the company and for the survival of the same.

**Keywords:** Accounting. Management control . Decision making. Sustainable development.

## 1 INTRODUÇÃO

A importância do tema abordado é valorizar os conhecimentos contábeis e colocar o contador como um membro importante na gestão empresarial, mostrando que através das análises obtidas será possível o conhecimento das condições da empresa saldar seus compromissos financeiros e também o conhecimento do seu potencial de crescimento.

As micros e pequenas empresas utilizam-se de recursos próprios evidenciando a necessidade da aquisição de capital de terceiros. Embora esta necessidade melhore as condições operacionais das empresas, não quer dizer que garanta a sobrevivência das mesmas.

Uma tarefa indispensável e que muitos administradores não sabem ou adotam, é fazer os cálculos sobre os ganhos esperados da aplicação dos recursos e conhecer seus custos fixos e variáveis, pois a partir desses dados é que se podem

tomar decisões. Segundo Martins (2008, p.22) o conhecimento dos custos é vital para saber se, dando o preço, o produto é rentável; ou se não rentável, se é possível reduzi-los (os custos).

Este artigo acadêmico tem a intenção de contribuir com as micro empresas e empresas de pequeno porte buscando a atenção dos profissionais para o auxílio das mesmas que com isto, poderão dar continuidade ao desenvolvimento de seus negócios gerando renda e emprego às sociedades mais desfavorecidas.

Com isto, este artigo irá mostrar através da contabilidade gerencial a importância da mesma para o processo de tomada decisões, por meio de ferramentas que sirvam de auxílio na produção e na administração. A metodologia utilizada foi bibliográfica, documental e descritiva. Onde se teve como fonte de pesquisa, livros, monografias, artigos científicos, que tratam do assunto pesquisado.

O artigo está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro da introdução, o segundo referencial teórico e o terceiro e último retrata as conclusões.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 CONCEITO DE CONTABILIDADE**

A contabilidade é a ciência que estuda, controla e interpreta o patrimônio de uma entidade com o objetivo de evidenciar suas variações e quais os fatores que podem proporcionar mutações ao mesmo. Sendo assim, a Contabilidade torna-se um instrumento primordial para tomada de decisão em todos os setores de uma organização.

A Contabilidade é o instrumento que fornece o máximo de informações úteis a tomada de decisões dentro e fora da empresa. Ela é muito antiga e sempre existiu para auxiliar as pessoas a tomarem decisões. Com o passar do tempo, o governo começa a utilizar-se dela para arrecadar impostos e a torna obrigatória para a maioria das empresas ( MARION, 2008 p. 26 )

O surgimento da contabilidade pode ser explicado pela necessidade de suprir as limitações da memória humana mediante um processo de classificação e registo que lhe permitisse recordar facilmente as variações sucessivas de

determinadas grandezas, para que em qualquer momento pudesse saber a sua dimensão.

Progressivamente a contabilidade transforma-se numa fonte de informações na medida em que pode facultar a qualquer momento o conhecimento da situação da empresa e o andamento dos seus negócios.

Pode-se então afirmar que a contabilidade é uma técnica de gestão, que tem como finalidade a determinação da situação patrimonial das empresas e dos seus resultados.

Atualmente, às empresas não estão interessadas apenas no registro histórico dos fatos patrimoniais, mas também na previsão de um fato futuro que possa vir a impactar em seu patrimônio. Com isto, a Contabilidade já não é entendida apenas como um elemento de simples recolha e interpretação de dados históricos, mas também como uma técnica eficiente de gestão.

Segundo FIPECAFI (2003, p. 48) a contabilidade é, objetivamente, um sistema de informação e avaliação destinado a prover seus usuários com demonstrações e análise de natureza econômica, financeira, física e de produtividade, com relação à entidade objeto da contabilidade.

Segundo Marion (2004, p. 27) “os usuários são pessoas que se utilizam da contabilidade, que se interessam pela situação da empresa e que buscam na contabilidade suas respostas.”

A contabilidade possui dois tipos de usuários, os usuários internos e externos.

Conforme Ludícibus, Marion e Faria ( 2009, p.34 ):

Para os usuários externos temos as tradicionais demonstrações contábeis como o Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício, Demonstração do Fluxo de Caixa, Demonstração do Valor Adicionado e outros. Já para os usuários internos à entidade, interessam, além das demonstrações citadas que, como ponto de partida, também subsidiam os tomadores internos de decisões, outros tipos de relatórios que alinhem conceitos e informações derivantes do sistema de contabilidade financeira ( geral ).

Pode-se citar como usuários externos da contabilidade: Bancos, governo, eventuais investidores, etc. E como usuários internos: Administradores, funcionários, acionistas, etc.

Deste modo, todas as movimentações que ocorrem no patrimônio de uma empresa são registradas pela Contabilidade, que resume os dados registrados em forma de relatórios e os entrega aos usuários interessados em conhecer a situação da empresa. Esses usuários, através destes relatórios, analisam os resultados obtidos e tomam as decisões em relação aos fatos futuros.

Em resumo, podemos dizer que o conhecimento sobre os conceitos contábeis por parte das pessoas com formação em áreas não-relacionadas à Contabilidade é importante para: análise e interpretação de dados financeiros; planejamento e controle do patrimônio (pessoal ou empresarial); cooperação, coordenação e comunicação com outras áreas da empresa.(GOMES, 2000 p. 5)

Diante de tais conceitos, verifica-se que a contabilidade atua como ponto de informação gerencial com a finalidade de analisar, ordenar os dados para tomada de decisão e com isto, determinar a situação patrimonial das empresas.

## 2.2 CONTABILIDADE GERENCIAL

A Contabilidade Gerencial tem como público alvo, os acionistas. Seu objetivo é informar, e com isto auxiliar na tomada de decisões internas. Ela funciona como um feedback para o controle do desempenho das operações.

Para Ludicibus (1998, p.21) “a contabilidade gerencial pode ser caracterizada, superficialmente, como um enfoque especial conferido a várias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custos, na análise financeira e de balanços etc., colados numa perspectiva diferente, num grau de detalhe mais analítico ou numa forma de apresentação e classificação diferenciada, de maneira a auxiliar os gerentes das entidades em seu processo decisório. (...) num sentido mais profundo, esta voltada única e exclusivamente para administração de empresa, procurando suprir informações que “encaixem” de maneira válida e efetiva no modelo decisório do administrador.”

Para Padoveze (2000, p. 32) “apesar de a Contabilidade Gerencial utilizar-se de temas de outras disciplinas, ela se caracteriza por ser uma área contábil autônoma, pelo tratamento dado à informação contábil, enfocando

planejamento, controle e tomada de decisão, e por seu caráter integrativo dentro de um sistema de informação contábil.”

Mas, contudo, a Contabilidade Gerencial não é um segmento desligado dos demais elementos da Contabilidade. Ela depende das informações geradas pelos demais ramos contábeis para que, através destas informações técnicas e de procedimentos específicos, sejam gerados os demonstrativos contábeis e os relatórios gerenciais de maneira a orientar os gestores de maneira eficaz.

Mediante tal situação, a Contabilidade gerencial surge como o primeiro referencial de controle e mensuração de atividades, em função de ser concebida como instrumento capaz de captar, registrar, acumular, resumir e interpretar os fenômenos que afetam as situações patrimoniais, financeiras e econômicas de qualquer entidade, tendo, assim, um campo de atuação muito amplo.

Essa multiplicidade de funções permite ao usuário da Contabilidade ter um controle mais efetivo sobre sua organização, em decorrência dos relatórios contábeis estarem embasados em informações colhidas em todos os setores, contemplando a diversidade de atividades desenvolvidas no âmbito organizacional. E desde seu surgimento, foi de grande valia para o empresário, constituindo-se, inicialmente, como um instrumento de controle patrimonial, adquirindo novas características conforme a evolução das empresas, alcançando, assim, um papel mais relevante na própria gestão da organização.

### **2.2.1 A Contabilidade Gerencial como ferramenta de Gestão nas Micros e Pequenas Empresas**

Na prática da gestão da micro e pequena empresa, o controle, na maioria das vezes, é tratado de maneira informal e em muitos casos continua tendo esta natureza, mesmo quando a empresa passa por um período de desenvolvimento. O gestor, nessa situação, planeja, organiza e controla os processos de forma bastante rudimentar, confiando unicamente na sua experiência para tomar decisões estimando medidas gerenciais para a organização.

A falta da utilização de ferramentas gerenciais nas empresas de micro e pequeno porte estão diretamente relacionados ao fato de que, muitas vezes, a decisão é tomada pelo gestor com base na sua visão da realidade, ou na maioria

dos casos, por improvisação, sem nenhum registro gerencial, comprometendo o alcance da medida estipulada ou delineada para a organização.

A Contabilidade Gerencial tem total condição de atender as solicitações desse cenário, principalmente quando se considera o fato de que todas as organizações necessitam trabalhar a Contabilidade tradicional, para atender aos ditames da lei. Ao contrário da contabilidade financeira que segue padrões definidos por órgãos reguladores, a contabilidade gerencial está preocupada em fornecer informações úteis e práticas para a tomada de decisão. Com isso, o uso da Contabilidade Gerencial pode ser viabilizado, desde que o gestor se interesse em modificar sua postura no que diz respeito ao gerenciamento da organização.

Segundo Silva (2002, p.23) Uma empresa sem Contabilidade é uma entidade sem memória, sem identidade e sem as mínimas condições de sobreviver ou de planejar seu crescimento.

Para Oliveira (2005, p.36) a “contabilidade gerencial fornece as informações claras, preciosas e objetivas para a tomada de decisão”.

Visto dessa forma a contabilidade demonstra ser uma ferramenta aliada ao pequeno empresário nos seus planejamentos e em suas tomadas de decisões. Seu caráter interpretativo exemplifica para o gestor da empresa como traçar seus objetivos e definir suas metas, a contabilidade gerencial surge como uma ferramenta indispensável e insubstituível para formular seu planejamento.

A Contabilidade sem dúvida é a maior fonte de informações sobre o patrimônio da empresa, permitindo então conhecer, com mais facilidade, todos os fatos que causaram alterações na organização, servindo de guia na administração dos negócios e contribuindo para o alcance dos objetivos.

Com as ferramentas da contabilidade o pequeno e o médio empresário, assumindo o papel de gestores financeiros, podem desenvolver análises financeiras para identificar o desempenho de sua empresa em relação ao passado. Através das demonstrações financeiras o administrador poderá tomar decisões baseadas em informações coerentes e índices seguros, o que aumentará de maneira significativa às possibilidades de sucesso.

Para se ter uma ideia da importância da análise a partir dos índices financeiros, basta mencionar a quem tal análise interessa. Primeira e obviamente interessa ao administrador, na medida em que fornece os instrumentos necessários para verificar o funcionamento da empresa, aplicando-se, quando necessário, medidas corretivas para sanar eventuais

problemas detectados. Interessa ainda aos credores da empresa, preocupados com a capacidade da mesma em honrar obrigações nas datas de vencimento. Por último, é de interesse de todos aqueles que investem na empresa, preocupados em identificar o grau de risco desses seus investimentos (CHER 1991, p.48).

Além disso, as demonstrações financeiras possibilitam um acompanhamento real da dinâmica do negócio, tornando possível traçar novas metas e diretrizes em tempo hábil e seguro.

### **2.2.2 Conceitos de Gastos**

Para a realização da gestão contábil deve-se ter conhecimento do conceito de gastos, isto irá facilitar o controle dos mesmos.

Segundo Bruni e Famá ( 2010, p.23) :

Gastos consistem no sacrifício financeiro que a entidade arca para a obtenção de um produto ou serviço qualquer. Segundo a contabilidade, serão em última instância classificados como custos ou despesas, a depender de sua importância na elaboração do produto ou serviço. Alguns gastos podem ser temporariamente classificados como investimentos e, à medida que forem consumidos, receberão a classificação de custos ou despesas.

As empresas realizam gastos antes mesmo da sua abertura, como por exemplo na compra de matérias-primas, na compra de imobilizado, gastos com salários e outros.

Para Padoveze (1997 p.213), gastos são todas as ocorrências de pagamentos ou recebimentos de ativos, custos ou despesas. Significa receber os serviços e produtos para consumo para todo o processo operacional, bem como os pagamentos efetuados e recebimentos de ativos.

Referente a gasto, Leone; Leone (2004, p.52; 159) afirmam tratar-se de:

Sacrifício, normalmente em moeda, que a entidade faz para a obtenção de um produto ou serviço. [...] É um sacrifício financeiro que a entidade arca para a obtenção de um produto ou serviço qualquer; sacrifício esse representado por entrega ou promessa de entrega de ativos (normalmente dinheiro).

Com isto verifica-se que gastos são eventos de grande alcance e generalização e que seu gerenciamento é de grande importância para o desenvolvimento e crescimento das empresas.

### **2.2.3 Conceitos de Despesas**

As despesas de uma empresa são gastos realizados que não estão ligados ao processo de produção ou na prestação de serviços. São todo sacrifício que a empresa faz para gerar receita.

Conforme Padoveze ( 2000, p.222 ):

Despesas são os gastos necessários para vender e enviar os produtos. De modo geral, são os gastos ligados às áreas administrativas e comerciais. O custo dos produtos, quando vendidos, transforma-se em despesas.

Para Crepaldi (2009, p.7), “são gastos relativos a bens e serviços não utilizados nas atividades produtivas e consumidos direta ou indiretamente para obtenção de receitas, que provocam redução do patrimônio”.

As despesas são uma parte indireta, mas de fundamental importância para a realização de um bem ou serviço, com isto, contribuem na formação de preço destes e afetam diretamente o resultado do exercício. Enfim, despesa é o sacrifício financeiro necessário para a obtenção de receitas.

Pode-se citar como exemplos de despesas: comissão sobre vendas; honorários de advogados.

### **2.2.4 Conceitos de Custos**

Custos são os gastos que estão relacionados diretamente a produção de produtos ou serviços.

Para Martins (2008, p.25), custo é gasto relativo a bem ou serviço utilizado na produção de outros bens ou serviços.

Para Bernadi (2009, p. 41), “são gastos direcionados á produção de bens ou serviços, portanto inerentes á atividade de produzir, incluindo a produção em si e a administração da produção”.

Sendo assim, os custos são reconhecidos no momento da utilização dos fatores de produção, para fabricação de um produto ou serviço que a empresa oferece.

Vários itens podem ser classificados como custos. Exemplos: aluguel da fábrica, salário dos funcionários da linha de produção, matéria-prima e outros que estejam ligados direta ou indiretamente a fabricação dos produtos.

#### 2.2.4.1 Custos Fixos

Esta modalidade de custo refere-se ao custo mensal da empresa independente da produção, e não altera com o volume produzido dentro de uma determinada faixa. É estável no total, mas variável nas unidades produzidas. Quanto mais produzir menor será sua distribuição por unidade.

Bruni e Famá ( 2010, p.30 ) dizem que, “custo fixo são custos que, em determinado período de tempo e em certa capacidade instalada, não variam, qualquer que seja o volume de atividade da empresa. Existem mesmo que não haja produção”.

Segundo Crepaldi (2009, p.8), “os custos fixos são aqueles cujo total não varia proporcionalmente ao volume produzido”. De acordo com Padoveze (2006, p. 54), “um custo é considerado fixo quando o seu valor não se altera com as mudanças, para mais ou para menos, do volume produzido ou vendido dos produtos finais”.

Conforme Bernadi (2009, p. 63) “são os custos de natureza fixa que não tem relação com os volumes produzidos ou vendidos. São normalmente indiretos, ou seja, não apropriados diretamente aos produtos, mercadorias ou serviços, incorrendo mesmo em volume zero. Se inexistem, mesmo com volume zero, apresentam comportamento variável quando analisados unitariamente”.

Resumidamente o custo fixo é aquele cujo valor é o mesmo qualquer que seja o volume da produção da empresa, ou seja, eles sempre existirão. Exemplo: aluguel, seguro de fábrica, energia, água, telefone etc.

#### 2.2.4.2 Custos Variáveis

São custos que alteram de acordo com o volume de produção. É fixo na unidade e variável no total. Para Crepaldi (2009, p.9), “os custos variáveis são os que variam proporcionalmente ao volume produzido”.

Para Martins (2008, p. 48) “É o valor global de consumo dos materiais diretos por mês depende diretamente do volume de produção. Quanto maior a quantidade produzida, maior seu consumo. Dentro, portanto, de uma unidade de tempo, o valor do custo com tais materiais varia de acordo com o volume de produção; logo, materiais diretos são custos variáveis”.

Diante disto, pode-se dizer que quanto maior for a produção maior será o valor do seu custo variável. É um dado de suma importância, pois através dele pode-se identificar a margem de contribuição e o ponto de equilíbrio. Pode-se citar como exemplo de custo variável: matéria-prima, mão-de-obra direta, despesas de vendas, energia, comissão de vendas, etc.

#### 2.2.4.3 Custo Total

Para que se possa saber o valor final do produto ou serviço e se formar o preço de venda adequado é necessário o conhecimento de todos os custos.

Segundo Leone (2009, p.70), os empresários e administradores tendem a compreender melhor a rentabilidade do objeto que esta sendo analisado, quando sobre esse objeto recaem todos os seus custos diretos e indiretos.

Com isto, é imprescindível o conhecimento deste para que não haja um calculo errôneo quanto o preço do produto ou serviço, o que poderia impactar negativamente o negócio ou até mesmo comprometer a sua continuidade.

#### 2.2.4.4 Custos Diretos

Os custos diretos estão diretamente relacionados ao produto. Para Crepaldi (2009, p.8):

custos diretos são os que podem ser diretamente (sem rateio) apropriados aos produtos, bastando existir uma medida de consumo (quilos, horas de mão-de-obra ou de máquina, quantidade de força consumida etc). de maneira geral, associam-se a produtos e variam proporcionalmente á quantidade produzida.

Segundo Silva e Niyama (2011, p.172), “os custos diretos são aqueles gastos que em tese são facilmente mensurados e diretamente aplicados á produção”.

São exemplo de custos diretos: mão de obra direta e material direto.

#### 2.2.4.5 Custos Indiretos

Os custos indiretos não estão diretamente relacionados com os produtos e sua apropriação é feita através de rateios.

Segundo Padoveze (2006, p. 42):

são os gastos que não podem ser alocados de forma direta ou objetiva aos produtos ou a outro segmento ou atividade operacional e, caso sejam atribuídos aos produtos, serviços ou departamentos, esses gastos serão por meio de critérios de distribuição (rateio, alocação, apropriação são outros termos utilizados). São também denominados custos comuns.

Para Silva e Niyama (2011, p.172), “os custos indiretos são aqueles gastos que necessitam de um critério de rateio, pois eles não são facilmente identificáveis”.

Para Crepaldi (2009, p.8), “são os que, para serem incorporados aos produtos, necessitam da utilização de algum critério de rateio”.

Pode-se citar como exemplos de custos indiretos: aluguel, depreciação, salário de supervisores etc.

#### 2.2.4.6 Rateio

Para correta formação de preço de um produto ou serviço é necessário que todos os custos e despesas sejam considerados e incorporados. O rateio é uma

das formas utilizadas para calcular a divisão dos custos que não estão ligados diretamente a produção.

Segundo Crepaldi (2009, p.89):

Rateio é um artifício empregado para distribuição dos custos, ou seja, é o fator pelo qual vamos dividir os Custos Indiretos de Fabricação. Os custos indiretos, para serem incorporados aos produtos, obedecem a uma mecânica de apropriação de um processo de rateio.

Através do rateio dos custos variáveis é possível saber qual será o valor de contribuição para cada produto. Com isto, será possível englobar a participação do custo no preço de venda do produto.

### **2.2.5 Margem de Contribuição**

Para a obtenção do lucro cada produto contribui com um valor determinado, este valor chama-se Margem de Contribuição.

Para Padoveze ( 2000, p.269):

Margem de contribuição é a diferença entre o preço de venda unitário do produto e os custos e despesas variáveis por unidade de produto. Significa que cada unidade vendida, a empresa lucrará determinado valor. Multiplicado pelo total vendido, teremos a contribuição marginal total do produto para empresa.

Conforme Garrison e Norren (2001, p.164), margem de contribuição é o que representa da receita de vendas após a dedução dos gastos variáveis. Assim ela é o montante disponível para cobrir as despesas fixas e, em seguida, prover os lucros do período.

“A Margem de Contribuição representa o valor que cobrirá os Custos e Despesas fixos da empresa e proporcionará o lucro” (CREPALDI, 2009. p. 225).

Esse ponto é de extrema importância para a tomada de decisão quanto ao valor final do produto, visto que, esta margem representa o valor que cobrirá os custos e despesas fixas da empresa, o que determinará também de quanto será o lucro obtido.

$$\mathbf{MC = RV - CV}$$

Onde:

MC = Margem de Contribuição

RV = Receita de Vendas

CV = Custo Variável

Por exemplo: se uma lavanderia cobra para lavar uma blusa R\$ 1,00 e tem custos variáveis de R\$ 0,40, significa que a margem de contribuição dela é de R\$ 0,60, ou seja, a empresa tem R\$ 0,60 para cobrir seus custos fixos.

### **2.2.6 Ponto de Equilíbrio**

Para se manter a empresa precisa vender uma quantidade certa de produtos que pagarão seus gastos fixos.

Para Crepaldi (2009, p.227), a empresa está no ponto de equilíbrio quando ela não tem lucro ou prejuízo; nesse ponto, as receitas totais são iguais aos custos totais ou despesas totais.

Para Padoveze (2000, p.269), ponto de equilíbrio é o volume que a empresa precisa produzir ou vender, para que consiga pagar todos os custos e despesas fixas.

Para o empresário o ponto de equilíbrio será uma ferramenta contábil importantíssima, pois através dos seus indicadores poderá se ter o conhecimento exato do volume de vendas necessário, em determinado período, para que se cubram todos os gastos. Se a empresa ficar abaixo do ponto, terá prejuízo, e acima deste ponto, lucratividade.

#### **2.2.6.1 Ponto de Equilíbrio Contábil**

O Ponto de Equilíbrio Contábil informa ao empresário a quantidade necessária de venda para que não se tenha lucro ou prejuízo.

Segundo Bruni e Famá (2003, p. 246) “ A análise dos gastos variáveis e fixos torna possível obter o ponto de equilíbrio contábil da empresa: representação do volume (em unidades ou R\$) de vendas necessário para cobrir todos os custos e no qual o lucro é nulo”.

Para Crepaldi (2009, p. 230), “é obtido quando há volume (monetário ou físico) suficiente para cobrir todos os custos e despesas fixas, ou seja, o ponto em que não há lucro ou prejuízo contábil. É o ponto de igualdade entre a Receita Total e o Custo Total”.

$$PEC = CF / MC$$

Onde:

CF = Custos Fixos

PV = Preço de Venda

CV = Custos Variáveis

Vamos ao exemplo de uma empresa que venda 300 unidades de peças à R\$ 2,00 (unidade). A mesma possui um custo variável de R\$ 1,00 por peça e seu custo fixo é de R\$ 300,00.

### DRE

Vendas (300 un. x R\$ 2,00/un.)	= R\$ 600,00
(-) CV (300 un. x 1,00/un.)	= <u>R\$ 300,00</u>
MC	= R\$ 300,00
(-) CF	= <u>R\$ 300,00</u>
Lucro Operacional	= 0,00

Sendo assim, para que a empresa possa cobrir o retorno que o mercado daria ao capital investido, a mesma precisa vender 300 unidades/mês para estar no PEC.

### 2.2.6.2 Ponto de Equilíbrio Econômico

O Ponto de Equilíbrio Econômico informa ao empresário o volume necessário de venda para que se obtenha o lucro desejado.

Para Crepaldi (2009, p.231), “ocorre quando existe lucro na empresa e esta busca comparar e demonstrar o lucro da empresa em relação à taxa de atratividade que o mercado financeiro oferece ao capital investido”.

Já para Bruni e Famá (2003, p. 248), “o conceito de ponto de equilíbrio econômico apresenta a quantidade de vendas (ou do faturamento) que a empresa deveria obter para poder cobrir a remuneração mínima do capital próprio nela investido – considerando e valores de mercado. Nesse caso, o lucro obtido deveria ser igual à remuneração do capital próprio (RCP), também denominada custo de oportunidade do capital próprio”.

$$\text{PEE} = \frac{\text{CF} + \text{CO}}{\text{MC}}$$

Onde:

CF = custos fixos

CV = custos variáveis

CO = custo de oportunidade

PV = preço de venda

Patrimônio Líquido = R\$ 20.000,00

Taxa de atratividade = 0,5% a.m.

Vamos ao exemplo de uma empresa que venda 400 unidades de peças à R\$ 2,00 (unidade). A mesma possui um custo variável de R\$ 1,00 por peça e seu custo fixo é de R\$ 300,00.

### DRE

Vendas (400 un. x R\$ 2,00) = R\$ 800,00

(-) CV (400 un. x R\$ 1,00) = R\$ 400,00

MC = R\$ 400,00

(-) CF	= R\$ 300,00
(-) Custo do Capital	= <u>R\$ 100,00</u>
Lucro Operacional	= R\$ 0,00

Sendo assim, para que a empresa possa cobrir o retorno que o mercado daria ao capital investido, a mesma precisa vender 300 unidades/mês para estar no PEC mais 100 unidades para chegar ao PEE, ou seja, 400 unidades por mês.

### 2.2.6.3 Ponto de Equilíbrio Financeiro

O Ponto de Equilíbrio Financeiro informa ao empresário o valor monetário (R\$) necessário de quanto precisa se obter de sua receita para que não se tenha lucro nem prejuízo.

Segundo Bruni e Famá (2003, p. 253), “o ponto de equilíbrio financeiro corresponde à quantidade que iguala a receita total com a soma dos gastos que representam desembolso financeiro para a empresa. Assim, no cálculo do ponto de equilíbrio financeiro não devem ser considerados gastos relativos a depreciações, amortizações ou exaustões, pois estas não representam desembolsos para a empresa”.

Conforme Crepaldi (2009, p. 232), “é representado pelo volume de vendas necessárias para que a empresa possa cumprir com seus compromissos financeiros. [...] informa o quanto a empresa terá de vender para não ficar sem dinheiro e, conseqüentemente, ter de fazer empréstimos, prejudicando ainda mais os lucros”.

$$\text{PEF} = \frac{\text{CF} - \text{Despesas Desembolsáveis}}{\text{MC}}$$

MC

Onde:

CF = custos fixos

CV = custos variáveis

PV = preço de venda

Depreciação = 10% dos CF

Vamos ao exemplo de uma empresa que venda 270 unidades de peças à R\$ 2,00 (unidade). A mesma possui um custo variável de R\$ 1,00 por peça e seu custo fixo é de R\$ 300,00.

### DRE

Vendas (270 un. x R\$ 2,00) = R\$ 540,00

(-) CV (270 un. x R\$ 1,00) = R\$ 270,00

MC = R\$ 270,00

(-) CF (Desembolsáveis) = R\$ 270,00

(-) CF (Não desembolsáveis) = R\$ 30,00

Prejuízo Operacional = (R\$ 30,00)

Ou seja, mesmo operando abaixo do Ponto de Equilíbrio Contábil, a empresa pode apresentar condições de liquidar suas obrigações financeiras.

O Ponto de Equilíbrio é de suma importância para empresa, pois possibilita um controle entre vendas, produção, lucro e despesas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de um profissional contábil e a prática de técnicas da contabilidade gerencial na administração da empresa podem maximizar os ganhos obtidos, dando mais sustentabilidade e garantia de continuidade a empresa.

A falta de controle financeiro de receitas e despesas é um fator que impede seu crescimento e ameaça sua continuidade. Com a correta administração dos custos, despesas e receitas a empresa não terá necessidade de realizar empréstimos para realizar novos investimentos.

Portanto, este estudo pôde contribuir para o conhecimento por parte dos micro empresários, de técnicas da contabilidade gerencial extremamente eficientes para o controle e para utilização na tomada de decisão dentro da empresa. E que, diante destas informações o micro empresário passará a ter uma visão diferenciada a respeito do que a contabilidade representa dentro da empresa e para sobrevivência da mesma.

## REFERÊNCIAS

BERNADI, Luiz Antônio. **Manual de Formação de preços**. 3ª ed.. São Paulo: Atlas, 2009.

BRUNI, Adriano Leal e FAMÁ, Rubens. **Gestão de Custos e Formação de Preços**. 2ª ed.. São Paulo: Atlas, 2003.

BRUNI, Adriano Leal e FAMÁ, Rubens. **Gestão de Custos e Formação de Preços**. 5ª ed.. São Paulo: Atlas, 2010.

CHÉR, Rogério. **A gerencia das pequenas e médias empresas: o que saber para administrá-las**. 2ª ed.. São Paulo: Maltese, 1991.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso Básico de Contabilidade de Custos**. 4ª ed.. São Paulo: Atlas, 2009.

FIPECAFI, Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuarias e Financeiras. **Manual de Contabilidade das Sociedades por Ações: aplicável às demais sociedades**. 6ª ed.. São Paulo: Atlas, 2003.

GARRISON, Ray H. e NORREN, Eric W. **Contabilidade gerencial**. 9ª ed.. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

GOMES, Adriano. **Análise das Demonstrações Financeiras**. São Paulo, 2000.

IUDICIBUS, Sérgio de. **Contabilidade Gerencial**. 6ª ed.. São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos e FARIA, Ana Cristina. **Introdução à Teoria da Contabilidade**. 5ª ed.. São Paulo: Atlas, 2009.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Custos**. 3ª ed.. São Paulo: Atlas, 2009.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Básica**. 7ª ed.. São Paulo: Atlas, 2004.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Básica**. 9ª ed.. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de Custos**. 9ª ed.. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Marilisa Montoani de. **Contabilidade gerencial: a aplicação na gestão de microempresas e empresas de pequeno porte**. 2005. 71f. Monografia. Universidade de Taubaté. 2005.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade Gerencial**. 2ª ed.. São Paulo: Atlas, 1997.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade Gerencial - Um enfoque em sistema de informação contábil**. 3ª ed.. São Paulo: Atlas, 2000.

PADOVEZE, Clóvis Luis. **Curso Básico Gerencial de Custos**. 2ªed.. São Paulo: Atlas, 2006.

SILVA, César Augusto Tibúrcio e NIYAMA, Jorge Katsumi. **Contabilidade para Concursos e Exame de Suficiência**. São Paulo: Atlas, 2011.

SILVA, Daniel Salgueiro. **Manual de Procedimentos Contábeis para Micro e Pequenas Empresas**. 5ªed.. Brasília: CFC: Sebrae, 2002.